

“O MENINO”, DE LUIZ CANABRAVA: O INFANTE SILENCIADO NA PERIFERIA DA CULTURA MINEIRA EM TRANSFORMAÇÃO

Autores: LEONARDO TADEU NOGUEIRA PALHARES, IVANA FERRANTE REBELLO

Introdução

Este trabalho pretende asseverar sobre a personagem da criança no conto “O Menino”, integrante do livro *Sangue de Rosaura*, de Luiz Canabrava. Pretende-se fazer algumas observações sobre de que forma o menino é percebido na narrativa, o que o silêncio desta figura pode pressupor e como isto reflete em sua presença no espaço de Minas Gerais que se situa. Dado um perceptível “silêncio” de estudos ao respeito de sua produção no âmbito da arte das letras, parece ser apropriado tratar de tal temática neste estudo. Para melhor asseverarmos sobre este tema, escolhemos, dentre os dez contos presentes em *Sangue de Rosaura*, a narrativa “O Menino”, sobre um jovem a brincar no entorno de um velório de uma jovem que se suicidara. A nossa pretensão aqui, logo, é observar as possíveis implicações que o silêncio da personagem do menino no conto de Luiz Canabrava podem sugerir.

Material e métodos

Esta pesquisa se dará por meio do método hipotético-dedutivo, da pesquisa de artigos, dissertações, teses e obras em livros e documentos encontrados em *sites* da internet. Como referencial teórico, Para isso, recorreremos a teóricos que tragam algumas percepções da infância, como Maria Cristina Gouvêa em “A Construção do ‘Infantil’ na Literatura Brasileira”, Anderson Luiz Nunes da Mata em “Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética”, e sobre a cultura mineira, como Ângela Maria Guida e Joelma Sampaio Evangelista em “De Minas para o Mundo”, Silvio Romero em *História da Literatura Brasileira*, entre outros.

Resultados e discussão

No conto “O Menino”, o personagem principal é referenciado de tal forma por toda a narrativa. Não há nenhuma menção ao que possa ser o seu nome. Este tipo de tratamento pode-nos apontar para um ignorar da sua identidade e que, por consequência, acarreta na diminuição de sua existência perante aos mais adultos. A personagem da D. Jovita, a qual é devidamente nomeada, apenas irá aparecer novamente no final da história, a qual lhe configura uma participação menor.

Contudo, como poderemos observar, é a personagem do Menino que terá o centro nesta narrativa. Se pelo menos em um momento foi feita uma justiça perante os adultos de sua presença, foi com o zango de D. Jovita: o “Sai daqui!” dela fez prenunciar uma exclamação que, por opção estilística do autor, fez com que a palavra seguinte começasse em maiúscula, justamente a palavra “Menino”. Embora podemos ler esta tentativa de torná-lo como nome próprio, ainda não deixa, devido ao seu significado, de carregar uma generalização que ainda leva a condizer com sua situação de ignorado perante aos adultos.

O que leva a este ignorar? A situação da narrativa trata-se de um velório. A curiosidade de um menino, um ser que mal acaba de entrar na vida, já possui um primeiro obstáculo: os “corpos que se comprimiam a sua frente”. Corpo, além daqui superficialmente se referir aos adultos que cercavam o caixão, é também um termo utilizado para se referir aos cadáveres. Logo, a relação menino-vida e adulto-morte implica em um obstáculo deste na vida daquele. O adulto, associado à morte, é o que “talha” a cultura da criança, a gritar com ela, impedi-la de ver o corpo da falecida.

Não é permitido, ao menino, ter a experiência sinestésica com o corpo: a visão das cores azul e branca e pressupor o tato do nariz fino, das mãos e da testa de cera; o cheiro do “perfume adocicado, de mistura com água-de-colônia”. Ante a figura aterrorizadora de d. Jovita, “de xale preto na cabeça e olhos vermelhos”, tal qual um “corpo” adulto que resplandece a questão da morte, ela o afasta ao zango. Porém, o menino, a vida, se vinga: embora flertara com o medo, sentiu-se importante ao ver um defunto. É a vingança da criança, cuja cultura adulta o considera “despreparado” para enxergar tamanha realidade.

A história do cadáver, apesar do título da narrativa se referir ao menino, é que é focalizada pelo narrador: este guia a percepção da criança completamente ignorada pela cultura adulta, ainda mais em um momento considerado como importante para eles, uma vez que estavam todos reunidos para velar o corpo da filha de d. Teutônia, Angélica.

Os três curtos parágrafos dedicados ao menino apontam três instantes de sua situação: o seu ferir, o seu aborrecer, e a sua escuta dos adultos a narrarem o fato. O menino, o urgir da flor da vida, não tem as suas angústias simplesmente relegadas pelo adulto: o narrador insere as passagens do menino como se elas fossem anômalas ao restante da narrativa, que foca-se, com mais atenção e com espaço à voz dos adultos. O menino-vida, sem direito à fala, fere-se e aborrece-se com a dor, enquanto que os adultos estão mais preocupados em arguir sobre o que já morreu do que a respeito do que ainda mal sabe o que é, mas representa a vida.

Maria Cristina Gouvêa, em seu texto “A Construção do 'Infantil' na Literatura Brasileira” aponta que o que caracteriza a natureza infantil, especialmente na literatura do começo do século XX, é a relação da criança “à atividade (mais exatamente à atividade física) que tem no brincar sua maior expressão.” (GOUVÊA, 2000, p. 4). Parece que isto se apresenta neste conto em estudo: o brincar do menino é o seu exercer da vivência da vida. A traquinagem de caçar passarinhos, de tirar “a liberdade”, ou “a vida” deles mesmos, soa-lhe como algo natural. A morte aqui lhe é corriqueira. Porém, a morte de um adulto é que quebra o seu desejo de brinquedo: a atenção que o velório o traz rompe completamente com o seu ser de criança, e o aproxima de um espaço o qual deverá se portar em seu futuro, que é a cultura adulta.

Como o narrador não confirma as histórias relatadas pelos personagens, podemos pensar que tais relatos orais carregam traços que podem ser depurados como duvidosos, quase que ficcionais. Assim, temos aqui a presença de duas narrativas que pensam o menino em seu silêncio: uma, que é o conto em estudo, o qual é o narrador que se sobrepõe as ações do menino e o narra sem dar espaço, assim como aos demais, para ter seu momento de voz; e a dentro da história, que leva a criança ao silêncio em nome da curiosidade de saber tudo o que acontecia naquele velório.

Percebe-se em Matta (2005) que o narrador entra, por vezes, como representante da voz infantil para superar um silêncio através da memória ou observação. Quer dizer, embora o narrador ainda seja uma força que conduz o menino pela narrativa, de modo a não lhe dar falas, ele também é o seu representante sobre o ignorar que lhe acontece em meio ao velório. O narrador supera o silêncio da criança ao colocá-la não apenas como título do conto, mas também por lhe dar atenção em momentos alternados, de forma a destoar da história de Angélica, a qual é a que tem mais atenção por toda a narrativa.

Silvio Romero, ao falar sobre a “Escola Mineira” em seu *História da Literatura Brasileira*, acaba por fazer algumas considerações, mesmo que indiretas, sobre o se portar do mineiro: chama Basílio da Gama de [...] “tipo de mineiro fleumático, anedótico, desconfiado e corajoso.” (ROMERO, 1980, p. 418). De Cláudio Manuel da Costa, diz-se que “[e]le era tímido, recatado, melancólico, ainda que aparentasse essa bonomia mineira, que se manifesta em pilhérias e chufas inofensivas”. (ROMERO, 1980, p. 448). O mineiro, de acordo com Silvio Romero, suspeitaria de qualquer coisa que o cercasse e, embora tranquilo, estaria sempre desconfiado. Este parece ser o tom da conversa dos personagens adultos: tranquilos em respeito à figura da defunta, tramam desconfiados tudo o que a cerca, como se até mesmo a idade fosse motivo para peleja verbal. O menino, contudo, passa inerte à isso no começo da narrativa: ele brinca com o bodoque, porém, após o safanão de d. Jovita por querer espionar o caixão, aquieta-se. Sofre uma repreensão que o faz a agir” como um bom mineiro”, calado, quieto, a escutar os outros e a “absorver suas tradições” sem direito a voz.

O menino, silenciado, é como se fosse o fruto dessa tradição mineira de ser calado: o silêncio era um aprendizado de que sua palavra não deveria ecoar entre as Minas. Ante a isso, propomos que, nesta narrativa, Minas Gerais seria uma alusão à d. Teutônia, e o seu fracasso no que tange as três filhas: tanto ela quanto as rebentas, todas mulheres, simbolizariam um sinal de esperança de que a cultura mineira perpetuasse. Porém as três filhas, com o suicídio, ou seja, com o auto interromper da própria vida, não só levam à desgraçada da mãe, como devidamente ponderados pelos senhores que discutiam a respeito, como também é a quebra da possível continuidade da tradição mineira, através da figura feminina que pode representar a fertilidade.

Esse perceber do menino que deveria se matar para ter importância é um destaque de dentro da narrativa: até mesmo na própria história em que ele leva como título o seu destaque é relegado em nome de um cadáver adulto. Também sabemos o motivo do suicídio de Etelvina: com um tiro de espingarda. O “falecido Abelardo”, embora não seja esclarecido na narrativa, mas pode ser sugerido como o patriarca desta família de filhas suicidas, pode reforçar a ideia dos responsáveis da prole como indutores do ato das moças em tirarem a própria vida. É o negar de que pertence a uma geração e que vai continuá-la. Seu Isidro, no entanto, parece querer relevar isso, ao considerá-la como nervosa e arredia, como se isso diminuísse uma possível culpa dos progenitores pelas atitudes.

Um destaque para o trecho dessa narrativa é o momento em que indagam se vão enterrar Angélica “em um campo santo”, por ela ser suicida. Ao afirmar que o vigário “não leva essas coisas ao pé da letra”, podemos observar que há uma rendição da tradição em favor de um caso em específico. A morte da filha de d. Teutônia pode significar uma quebra de várias tradições: as das filhas que morrem primeiro que os pais e os suicidas a serem aceitos nos campos santos. As inférteis filhas de Minas Gerais, ao se matarem, colaboram para essa transformação da cultura mineira, a qual o menino, sem pai, nem mãe, a assistir a tudo calado, vê como um mero espectador na narrativa que deveria ser dele.

No texto “De Minas para o Mundo”, Ângela Maria Guida e Joelma Sampaio Evangelista discorrem sobre o que poderia ser relacionado a cultura mineira. A se apoiarem no conceito de identidades de Stuart Hall, apontam “a tradicional família mineira”, “a religiosidade fervorosa”, “a educação severa”, “culinária simples” entre outros como elementos pertencentes à esta cultura, como construções discursivas; e que em um tempo que se discute a descentralização do sujeito, discursos fragmentados e crises de identidades, parece incoerente preservar uma tradição mineira (GUIDA e EVANGELISTA, 2005, p. 3). Um dos temas tratado no conto, a questão da religiosidade, parece ser associada com o que diz no que tange à essa tentativa de preservação da tradição mineira em tempos de novo olhar sobre as culturas. O que adianta tentar impor a um menino uma cultura, se ele pode ter outros anseios?

No final, o menino volta a ter protagonismo no conto que leva o seu título, ainda assim relegado na história, a ser obrigado a seguir, por último, o cortejo fúnebre dos adultos a levarem o corpo de Angélica. O menino, sem pai e nem mãe, pode ser visto como o nascido em Minas Gerais, mas que não se identifica como o mineiro. A esta cultura, repleta de velhos já resignados com a sua transformação em tons decadentes, merece a sua atenção para observar algo que acha pitoresco, porém que, assim como qualquer cultura adulta, priva-o do direito de ter a curiosidade plena de saber do que se trata, e ainda mais: toma-lhe o espaço narrativo, a levá-lo a escutar sobre o que se trata do que ter maior participação sobre os fatos que ocorrem.



Considerações finais

O conto “O Menino”, de Luiz Canabrava, nos apresenta uma narrativa em que a criança não é apenas ignorada pelos adultos, mas também pela própria estrutura do texto, quando o narrador dá espaço a história da suicida Angélica ao invés do próprio menino o qual assim se intitula a narrativa. Tal percepção, contudo, serve para demonstrar a decadência da cultura mineira, se pensarmos o livro *Sangue de Rosaura* como uma coletânea de narrativas os quais trazem a temática de Minas Gerais, explícita ou não, a decair. Porém com um ressaltar: não há qualquer menção, mesmo que por alguma referência cultural típica, que possa referenciar Minas Gerais superficialmente neste conto. E isto nos parece ser a intenção do narrador: ocultar Minas Gerais, silenciar esta cultura, e ao mesmo tempo mostrar as filhas infrutíferas que ela gera é uma vingança ao menino, que sofreu silenciamento em detrimento desta cultura que, por atos como o enterro da suicida em campo santo, mostra a sua transformação e, em consequência disso, sua decadência. Não dizer o nome de Minas Gerais é a vingança por não quererem saber do menino, muito menos o seu nome, ante aos adultos nomeados que se suicidam por não suportarem o fardo de carregarem a própria cultura.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar este trabalho por meio de bolsa.

Referências bibliográficas

- BATALHA, Maria Cristina. “A Literatura Fantástica no Brasil: alguns marcos referenciais”. IN: RAMOS, Maria Celeste Tommasello. ALVES, Maria Claudia Rodrigues. HATTNER, Alvaro Luiz (orgs.). *Pelas veredas do fantástico, do mítico e do maravilhoso*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: HN, 2013.
- CANABRAVA, Luiz. *Sangue de Rosaura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da Casa Assassina*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Edusp, 2004.
- GOUVÊA, Maria Cristina. “A Construção do ‘Infantil’ na Literatura Brasileira”. Disponível em: <http://goo.gl/FIJE5D>. Acesso: 10-04-2016 14h02min.
- GUIDA, Ângela Maria. EVANGELISTA, Joelma Sampaio. “De Minas para o Mundo”. IN: *Revista Virtú*, Segunda Edição – Especial, Anais do III Simpósio de Formação de Professores de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/ICH, 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a37.pdf>. Acesso: 24-04-2016 16h50min.
- LOPES, Denilson. “Brazil, Literature”. IN: GERSTNER, David A. *Routledge International Encyclopedia of Queer Culture*. New York, NY: Routledge, 2011.
- MATA, Anderson Luis Nunes da. “Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética”. Disponível em: <http://goo.gl/zbQGRr>. Acesso: 10 de abril de 2016.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. Brasília: INL, 1980.